

# **Etnoarqueologia da pesca.**

## **Um estudo sobre as áreas de atividade e práticas de pesca dos pescadores da Barra do João Pedro, RS**

Lucas Antonio Da Silva<sup>1</sup>

---

**RESUMO:** Desde o período pré-histórico, grupos humanos têm utilizado o recurso pesqueiro como um modo de sobrevivência no litoral norte do RS. Atualmente diversas comunidades de pescadores encontram-se espalhadas pela região, demonstrando que a exploração desse recurso continua sendo uma atividade importante para a sobrevivência dessas comunidades no presente. Contudo, a inexistência de pesquisas etnoarqueológicas na região não é compatível com a riqueza histórica, cultural, e material dessas comunidades. Portanto, esta pesquisa visa desenvolver um estudo aprofundado sobre modo de vida dos pescadores da comunidade da Barra do João Pedro. Destaca-se neste estudo, a busca pelas relações entre práticas de pesca e áreas de atividade, que podem ser observadas através de um estudo etnoarqueológico, combinando metodologias arqueológicas com as observações etnográficas.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Pescadores, áreas de atividade, etnoarqueologia.*

---

**ABSTRACT:** Since the pre-historic era, human groups have been using this resource as a way to survive in the region. Nowadays, several fishermen communities are spread in the “gaúcho” north coastline, showing that the exploration of that resource keeps being an important activity for the survival of those communities now. Nevertheless, the lack of ethno-archaeological research in the region is not compatible with the historical, cultural and material richness of those communities. Therefore, this research aims to develop a deep study about the way of life of the fishermen from the community of Barra do João Pedro. We intend to stand out, in this study, the search for relations between the practice of fishing and the areas of activities, which can be observed through an ethno-archaeological study, combining archaeological methodologies with the ethnographic observations.

**KEY-WORDS:** *Fishermen, activity areas, ethno-archaeology.*

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Brasil. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

## Introdução

Os primeiros grupos de pescadores do litoral norte do Rio Grande do Sul são os homens dos Sambaquis<sup>2</sup>, que exploravam essa região pescando, coletando e caçando. Os sambaquis preservam uma ampla variedade de cultura material, desde pesos de rede e anzóis, até material ósseo da pesca. Existem datações que comprovam o início da ocupação do litoral norte por esses pescadores-coletores, Gustavo Peretti Wagner (2009) datou alguns sítios e encontrou para o sambaqui do Camping a data mais antiga de  $3.420 \pm 60$  A.P. Depois dos pescadores-coletores, os catadores de moluscos da tradição Taquara e Guarani ocuparam o litoral norte. Esses homens catadores de moluscos viviam basicamente da coleta de moluscos no litoral, e em menor escala da pesca. Existem diversos sítios arqueológicos que podem comprovar isso, como por exemplo, o sítio Figueira II e o sambaqui da Rondinha<sup>3</sup>.

Com a chegada dos europeus e o início da colonização, muitos viajantes<sup>4</sup> passaram pelo litoral e relataram o que viram. Auguste de Saint Hilaire (1820-1821), Arsène Isabelle (1833-1834), Nicolau Dreys (1839), Herrmann Von Ihering (1885), entre outros. Todos estes viajantes forneceram relatos fundamentais para compreensão da pesca e dos pescadores do litoral norte do Rio Grande do Sul. Saint Hilaire (1987, p. 17) ao longo de sua jornada pelo litoral descreve sua chegada ao Rio Tramandaí: “Achamos, à margem desse rio, uma espécie de choupana, **coberta de caniços** (grifo nosso), onde se amontoavam umas doze pessoas, e junto a qual existe um pequeno galpão que serve de abrigo a uma canoa...”.

---

<sup>2</sup> A palavra sambaqui é derivada de tamba (concha) e ki (amontoado) na língua tupi. Existem divergências entre os arqueólogos sobre o que é um sambaqui. Para fins didáticos iremos considerá-lo como uma área de descarte. Para saber melhores detalhes sobre a definição ver Wagner (2009)

<sup>3</sup> Sítios arqueológicos escavados pelo projeto Arqueologia no Litoral Norte do Rio Grande do Sul. A escavação ocorreu no mês de julho de 2009.

<sup>4</sup> Isabelle e Dreys eram comerciantes, e Ihering e Saint Hilaire naturalistas.

Nota-se que ainda nesta época a atividade pesqueira no litoral era fundamental para a sobrevivência da população.

No início do século XX, mais precisamente em 1906, Edgar Roquette-Pinto<sup>5</sup> faz uma viagem ao litoral norte do Rio Grande do Sul e faz um relato minucioso da fauna, flora, do conjunto de lagoas do litoral, os “tipos” humanos, etc. Ao longo de sua viagem, Roquette-Pinto destaca a atividade pesqueira da região de Tramandaí, inclusive descrevendo detalhes de como era feita a pesca na lagoa:

*“A emenda é uma companhia de 15 pescadores. (...) Formam nela quatro canoas; duas canoas de bater, com dois homens cada uma, e duas canoas de rede, com isso cinco. [...] Um capataz, homem prático em conhecer os cardumes pelas ondulações da superfície d’água, dirige a emenda. (...) Na pescaria as canoas vão silenciosamente; quando o capataz faz sinal de cardume, abrindo os braços, as portadoras da rêde abrem-na também, cada uma indo para seu lado, estendendo-a, assim, em círculo” (Roquette-Pinto, 1962).*

Com criação das colônias de pescadores, a partir da década de 1920, ocorreram uma série de mudanças no modo de vida destes. A nova legislação buscou uma regulamentação do pescador profissional, exigindo deste um registro nos órgãos fiscalizadores. Christian Nunes da Silva (2006, p. 80) afirmou que: “Com a criação das Colônias de pescadores houve uma legalização da atividade pesqueira, pelo reconhecimento da Colônia de Pesca enquanto

---

<sup>5</sup> A obra foi publicada por Dante de Laytano (1962)

categoria de representatividade dos pescadores, e um reconhecimento da sociedade e do Estado da importância da atividade pesqueira para o provimento do mercado consumidor interno”.

O autor ainda destaca que a criação dessas Colônias de pescadores deriva de uma série de questões que estão surgindo no início do século XX, tais como: a ocupação dos espaços marítimos, tendo em vista o vasto litoral brasileiro e a impossibilidade da marinha fiscalizá-lo por completo; a busca de uma auto-suficiência na produção pesqueira, pois segundo o autor, nessa época o Brasil importava muito pescado de outras regiões do mundo; e, finalmente, a busca de uma conscientização dos pescadores para o combate da pesca predatória.

A partir da década de 1960, segundo Fernando Mourão (2003), a pesca passou a sofrer várias alterações devido a introdução de novas técnicas e novos utensílios. A mudança mais interessante é a utilização dos motores de popa. Em seu estudo sobre os pescadores do litoral sul de São Paulo, Mourão (2003, p. 77-78) demonstra através de gráficos o crescimento dos barcos motorizados ao longo da década de 1960.

Finalmente, é importante destacar a formação dos grupos de pescadores que ocupam atualmente o litoral norte do RS. As fontes históricas<sup>6</sup> indicam que o desenvolvimento e fixação destes grupos de pescadores é um fenômeno recente<sup>7</sup>, provavelmente, ligado ao desenvolvimento dos balneários no litoral norte do RS no início do século XX (Schossler, 2010). A Barra do João Pedro surge nesta época, e os pescadores passam a pescar nas lagoas mais próximas – Lagoa dos Quadros, Malvas e Palmital.

Sendo assim, a presente pesquisa propõe responder o seguinte questionamento: Quais são as práticas de pesca dos

---

<sup>6</sup> As fontes históricas utilizadas foram os relatos de viagem, onde se destacam Saint-Hilaire (1987), Roquette-Pinto (1962), Bastos (1935).

<sup>7</sup> A exceção para essa idéia são os pescadores de Tramandaí, pois as fontes demonstram uma ocupação mais antiga, do início do século XIX.

pescadores da Barra do João Pedro e seus reflexos nas áreas de atividade?

## **As pesquisas com pescadores no litoral norte do Rio Grande do Sul**

A história da pesca e suas transformações no campo tecnológico e da exploração dos recursos é um tema ainda não abordado pelos historiadores do Rio Grande do Sul. Os trabalhos realizados até então se preocuparam em analisar as técnicas de pesca e os artefatos utilizados nas atividades. Cotrim e Miguel (2007) representam uma exceção, pois em seu artigo reservam um item apenas para *reconstituição da evolução e diferenciação dos sistemas pesqueiros* no Rio Grande do Sul: “A descrição dos quatro sistemas pesqueiros identificados foi pautada nas características da relação da Sociedade com a Natureza. Os atores sociais, os ciclos econômicos, os instrumentos de pesca utilizados, o formato do sistema técnico de captura e a organização social foram elementos que auxiliaram a formulação dessa divisão” (Cotrim e Miguel, 2007).

Esses quatro sistemas que os autores citam são: sistema pesqueiro dos indígenas pescadores e coletores, onde foram indicados e citados alguns autores de grande relevância no meio arqueológico<sup>8</sup>; o sistema pesqueiro da época do tropeirismo; o sistema pesqueiro da vila de pescadores (século XX); e finalmente, o sistema de pesca contemporâneo. Com exceção desta tentativa de buscar um “histórico” da pesca, não se tem nada mais consistente na literatura.

Estudos recentes sobre atividades pesqueiras no Rio Grande do Sul como Garcez e Sánchez-Botero (2005) caminham na caracterização social e estatística dos grupos de pescadores. A maioria destas pesquisas são vinculadas a instituições governamentais, como a Secretaria de Agricultura e Abastecimento do RS, que contratou esses pesquisadores para o programa RS Rural

---

<sup>8</sup> André Prous (1992) e Arno Kern (1991).

Pesca Artesanal. Dos trabalhos mais recentes sobre o litoral do Rio Grande do Sul, destaque para Cotrim e Miguel (2007), já referido anteriormente, que através de sistemas agrários tentam compreender como a pesca artesanal em Tramandaí se desenvolve.

### **Etnoarqueologia e áreas de atividades**

Nos últimos 60 anos, os arqueólogos passaram a utilizar com maior frequência os dados etnográficos para a formulação de hipóteses e modelos arqueológicos (Kent, 1984). A origem destes dados, ou a coleta dos mesmos, caracteriza-se por um método arqueológico empregado pelo etnoarqueólogo. Dentro de diversas definições conceituais, destaca-se, para esta pesquisa, a de Silva (2009), que caracteriza a etnoarqueologia como um trabalho com sociedades contemporâneas, buscando dados etnográficos para responder problemas de interesse arqueológico. Kent (1987) destaca a importância da etnoarqueologia para resgatar a dinâmica da criação do registro arqueológico, afirmando que a pesquisa etnoarqueológica deve compreender as estruturas internas dos sítios arqueológicos, ou das áreas que estão sendo estudadas, pois estas estruturas podem informar como a sociedade se organiza.

Dentro da história da etnoarqueologia, destaca-se a proposta de periodização de David e Kramer (2001), que consiste em três etapas distintas: O período inicial, 1956-1967; a nova etnoarqueologia 1968-1981; e o período recente 1982-1998, sendo que este se divide em recente "1" 1982-1989 e recente "2" 1990-1998. Dentro dessa periodização proposta, é possível desenvolver uma boa reflexão sobre as mudanças que ocorreram na etnoarqueologia durante as últimas décadas. Para esta pesquisa, destaca-se o período da nova etnoarqueologia (1968-1981), sendo este caracterizado pelas relações entre homem, meio ambiente, artefatos e comportamento. Pode-se destacar diversos trabalhos de relevância que foram produzidos nesta perspectiva teórica, tais

como: Binford (1967, 1978a e 1983), Gould (1978, 1980), Kent (1984 e 1987), entre outros.

Segundo Kent: "O uso do espaço é parte integral do dia-dia do ser humano. Todos os dias, tomamos decisões conscientes sobre os locais em que uma gama diversificada de atividades serão realizadas. Tais decisões são baseadas em uma padronização espacial que é aprendida na infância, através da socialização (Kent, 1984)". As áreas de atividades, consistem, segundo Kent (1984), em um lócus no qual um evento humano ocorreu, podendo ser ele dos mais variados tipos, descarte, armazenagem, processamento de alimentos, etc. Através do conteúdo e da padronização espacial dos artefatos, pode-se inferir que tipo de área de atividade se está estudando e como se constituiu ao longo do tempo.

Sendo assim, através de metodologias arqueológicas e etnográficas, o objetivo geral do estudo é compreender quais são as áreas de atividades relacionadas ao modo de vida destes pescadores, e como se formam esses registros etnoarqueológicos.

### **O trabalho etnoarqueológico na Barra do João Pedro**

A pesquisa deteve-se basicamente em dois espaços, o acampamento de pesca e o galpão dos pescadores. Ambos apresentaram uma grande concentração de áreas de atividades, demonstrando que são espaços de intensa atuação dos pescadores. O acampamento de pesca, segundo os pescadores, é um local escolhido para fazer as pescarias de inverno, pois com a diminuição do pescado durante essa estação, é necessário buscar locais mais afastados, onde a abundância de peixe é maior. Para tanto, os pescadores construíram um pequeno barraco<sup>9</sup> para permanecer mais tempo nessa localidade, que fica aproximadamente 11 km da comunidade e só pode ser acessado de barco. Já o galpão de pesca, localiza-se junto à comunidade de pescadores, sendo este o local de

---

<sup>9</sup> Expressão utilizada pelos pescadores

processamento do pescado, armazenagem de utensílios e de comercialização do pescado.

A coleta de dados pode ser dividida em duas etapas: uma caracterizada pela observação participante, sendo ela fundamental para identificação de áreas de atividades e sobre a formação destas; e uma segunda etapa caracterizada pelo desenho das áreas de atividades e registro fotográfico, a fim de compreender a distribuição espacial dos artefatos.

Seguindo o modelo etnoarqueológico aplicado por Binford (1967, 1978 e 1983), Gould (1978, 1980), Kent (1984), entre outros, a primeira etapa, caracterizada anteriormente como observação participante, consistiu em identificar as principais áreas de atividades e a sua formação. Para isso, foi necessário permanecer junto aos pescadores e dedicar-se para observar suas atividades diárias, mais especificamente às atividades ligadas a pesca. O diário de campo e a máquina fotográfica foram fundamentais para registrar as ações dos pescadores nos mais diversos espaços, principalmente os comportamentos que criavam as diferentes áreas de atividades.

A segunda etapa, referida anteriormente, consiste no desenho técnico de todas as áreas de atividades observadas nos diferentes espaços. Utilizou-se a técnica convencional de desenho de superfícies, que se configura em: uma orientação para o norte, uma escala – geralmente 1:10, podendo ser 1:20 -, e as medidas de todos os objetos que se encontram na área de atividade.

### **As áreas de atividades no barraco e no galpão de pesca**

O barraco, como visto anteriormente, localiza-se afastado da comunidade, caracterizando-se como um local de pesca e pernoite sazonal, utilizado no inverno, época em que o peixe diminui consideravelmente na região. A estrutura montada pelos



pescadores é recente, segundo seu Inácio<sup>10</sup>, até o ano de 2006 acampava-se com barracas de lona no local, após o ano referido começaram a construção dessa estrutura fixa. Outro aspecto muito importante do barraco é a sua longa ocupação, pois segundo o seu Inácio, o seu pai já utilizava este local como um ponto de pesca e pernoite no inverno a no mínimo 50 anos, portanto trata-se de uma localidade de grande importância para os pescadores (FIGURA 01).

As áreas de atividades encontradas e registradas no barraco são diversas, destacando-se as áreas de cocção de alimentos, que são muito presentes no local e são representadas por fogueiras, restos de alimento e artefatos para esta atividade (observar os números: 9, 11, 22, 24, 25, 26). As áreas de descarte, onde encontram-se objetos sem utilização, pois segundo os pescadores, não possuem mais função para eles (FIGURA 02).

O galpão de pesca (FIGURA 03) é uma estrutura montada para o processamento do peixe e armazenagem de materiais de pesca. Localizado junto à casa dos pescadores, esta estrutura mostra-se muito importante para a manutenção das práticas de pesca desses pescadores. Entendendo estas práticas como o conjunto de atividades relacionadas com a pesca, que são das mais variadas formas, tais como: limpeza do peixe, confecção de redes, marcação de pesqueiros, manutenção de barcos, etc.

As áreas de atividades mais encontradas dentro do galpão de pesca foram as de processamento do peixe (FIGURA 04) e armazenamento de artefatos de pesca (redes, anzóis, motores de popa). A primeira caracterizada por restos de escamas de peixe e artefatos como facas, pedras de afiar, etc. A segunda é caracterizada pela presença de diversos materiais de pesca, como redes, anzóis, motores de popa, baterias, etc. Os objetos 2, 4 e 7 caracterizam a área de processamento do peixe, ou como os

---

<sup>10</sup> Um dos principais informantes que tenho na comunidade de pescadores.

próprios pescadores denominam “limpeza do peixe”<sup>11</sup>. Já os objetos 3, 5, 6 estão ligados a áreas de armazenamento que ficam próximas.

### Resultados parciais

O barraco e o galpão de pesca são espaços que possuem grande concentração de áreas de atividades, portanto são locais de grande importância para estes pescadores. Pode-se verificar isso tanto através dos vestígios materiais quanto da observação etnográfica. O tempo de permanência em campo possibilitou a união destes dois dados, portanto, como visto anteriormente, trata-se de uma abordagem etnoarqueológica.

As observações feitas no barraco, juntamente com os vestígios materiais, indicam uma permanência sazonal ligada à época de diminuição do pescado (inverno), conseqüentemente, o barraco foi concebido para a permanência dos pescadores neste local por mais tempo, evitando o desgaste da longa viagem diária até suas casas. Outra conclusão importante que se pode chegar é que o peixe não é processado no local, pois nas observações e nos registros materiais, não foram encontradas evidências disso. Portanto, o barraco caracteriza-se como um local de abrigo, um acampamento sazonal de pesca.

Já no galpão de pesca, pode-se notar que sua utilização é intensa o ano todo e que existe certa organização espacial das atividades, no entanto ela não é rígida, pois como pode observar-se pelo croqui acima, existem artefatos característicos da área de armazenagem dentro da área de processamento do peixe. Outro aspecto importante é a dinâmica das áreas de atividades dentro do galpão, na medida em que se faziam os croquis, os pescadores davam continuidade as suas atividades, modificando os artefatos de lugar, o que indica também uma utilização intensa ao longo do dia.

---

<sup>11</sup> Alguns autores da antropologia da pesca utilizam o termo “eviscerar” para indicar a limpeza do peixe.

Sendo assim, as áreas de atividade encontradas tanto no barraco quanto no galpão de pesca são reflexos das práticas de pesca desses pescadores diariamente. Deste modo, é necessário observar a rotina dos pescadores, suas atividades e os reflexos destas na organização espacial dos objetos.

### **Figuras**



**Figura 01**

Fotografia da entrada do barraco (*foto do autor*)

**Figura 02** (*pág. seguinte*)

Croqui do barraco (acampamento de pesca)

## ACAMPAMENTO DE PESCA

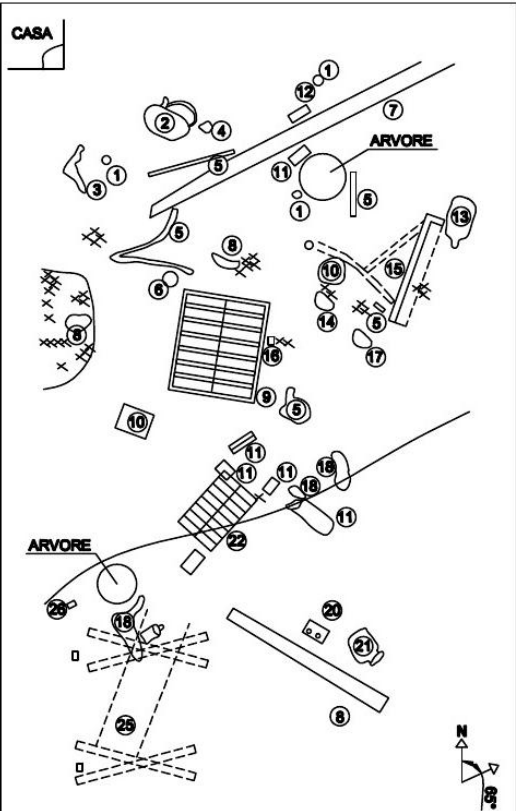
FACE SUDESTE

1:20

23/02/11

### LEGENDA

- ① TAMPA GARRAFA PET
- ② CHALEIRA
- ③ FITA PLÁSTICA
- ④ PEDAÇO DE PLÁSTICO
- ⑤ PEDAÇO DE FERRO
- ⑥ TAMPACHALEIRA
- ⑦ TAQUARA
- ⑧ ALUMÍNIO
- ⑨ GRADE FERRO
- ⑩ PEDAÇO MADEIRA
- ⑪ COSTELA
- ⑫ METAL - TRANCA DE PORTA
- ⑬ GARRAFA PLÁSTICO
- ⑭ EMBALAGEM PLÁSTICA
- ⑮ PEDAÇO CAMA DE CAMPANHA
- ⑯ BITUCA CIGARRO
- ⑰ FUNDO GARRAFA PLÁSTICO
- ⑱ SACOLA PLÁSTICA
- ⑲ CANO METAL
- ⑳ CANECA QUEBRADA (nescafé)
- ㉑ POTE VIDRO
- ㉒ GRELHA QUEBRADA
- ㉓ PEDAÇO MADEIRA
- ㉔ LATA DE ÓLEO
- ㉕ ESTRUTURA METAL (CHURRASQUEIRA)
- ㉖ ESPETO

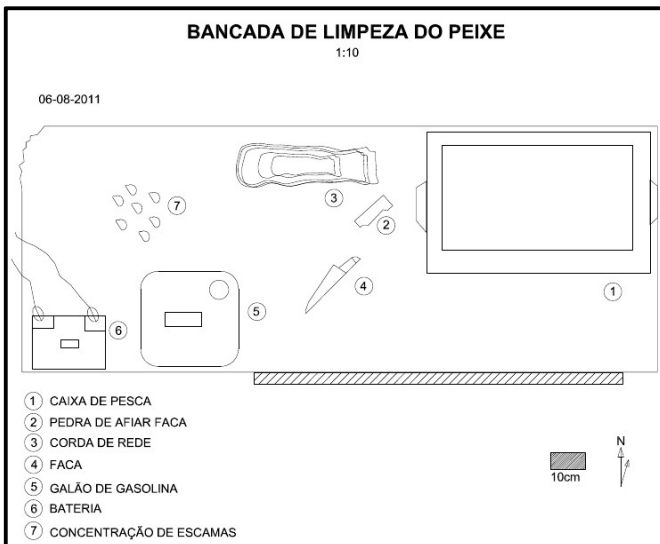


20 cm



**Figura 03**

Fotografia externa do galpão de pesca (*foto do autor*)



**Figura 04**

Bancada de limpeza do peixe, secção do croqui interno.

## Bibliografia

- BINFORD, L. R. *Nunamiut Ethnoarchaeology*. Academic Press, New York. 1978a.
- BINFORD, L. R. *Em busca do passado: a descodificação do registro arqueológico*. Europa-América, Mira-Sintra. 1983.
- COTRIM, D. S; MIGUEL, L. A. *Uso do Enfoque Sistemico na Pesca Artesanal em Tramandaí – RS*. *Eisforia*, 5(2), 136-160. 2007.
- DAVID, N; KRAMER, C. *Ethnoarchaeology in Action*. Cambridge Press, New York. 2001.
- DREYS, N. *Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul*. Secretaria de Educação e Cultura Instituto Estadual do Livro. Porto Alegre. 1839 [1961].
- GARCEZ, D. S; SÁNCHEZ-BOTERO, J. I. *Comunidades de Pescadores Artesanais no estado do Rio Grande do Sul, Brasil*. *Atlântica*, 1(27), 17-29. 2005.
- GOULD, R (org.). *Explorations in Ethnoarchaeology*. School of American Research, Santa Fe. 1978.
- GOULD, R. *Living Archaeology*. Cambrigde University Press, New York. 1980.
- IHERING, H. V. *A Lagoa dos Patos*. *Organon*, n. 14, 101-142. 1885 [1970].
- ISABELLE, A. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Museu Júlio de Castilhos. Porto Alegre. 1835 [1946].
- KENT, S. *Analyzing activity areas: An ethnoarchaeological study of the use of space*. University of New Mexico Press, Albuquerque. 1984.
- KENT, S. (org.) *Understanding the Use of Space: An Ethnoarchaeological Approach*. In: *Method and Theory For Activity Area Research*. pp. 1-52, Columbia University, New York. 1987.
- MOURÃO, F. *Pescadores do litoral sul do Estado de São Paulo*. FFLCH/USP São Paulo. 1971.

- ROQUETTE-PINTO, E. Relatório de excursão ao litoral e à região das lagoas do Rio Grande do Sul. UFRGS. Porto Alegre. 1906.
- SAINT HILAIRE, A. Viagem ao Rio Grande do Sul. Martins Livreiro. Porto Alegre. 1887[1987].
- SILVA, C. N. Territorialidades e modo de vida de pescadores do rio Ituquara, Breves-PA. Dissertação de Mestrado em Geografia. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. 2006.
- SILVA, F. Etnoarqueologia na Amazônia: contribuições e perspectivas. Boletim do Museu Emílio Goeldi, 4(1), 27-37. 2009.
- SCHOSSLER, J. C. As nossas praias: os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul (1900 – 1950). Dissertação de Mestrado em História. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS. 2010.
- WAGNER, G. P. Sambaquis da barreira da Itapeva uma perspectiva geoarqueológica. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS. 2009.

Recebido em: 24/08/2011

Aprovado em: 21/10/2011

Publicado em: 06/12/2011